

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria de Threza Redig de C. Barrocas e Luiz Octávio F. B. Leite. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, 307 p.

Daniela de Freitas Coelho<sup>1</sup>  
Sílas Borges Monteiro<sup>2</sup>

Após alguns anos da conclusão do curso de Filosofia, Canguilhem começa seu curso de Medicina. Assim, o livro *O normal e o patológico* é a reedição de sua tese de doutorado em Medicina (1943), indicando novas leituras e críticas recebidas. A edição contém um conjunto de textos que é intitulado “Novas reflexões referentes ao Normal e o Patológico”, coletado de notas de 1963 a 1966. Contém, ainda, pós-fácio de Pierre Macherey intitulado “A filosofia da ciência de Georges Canguilhem”. Esses textos enxertados nesta publicação auxiliam a dar o alcance da obra de Canguilhem para a história da filosofia da ciência.

A obra tem dois momentos: a sua primeira publicação (em 1943) e a sua reedição com os novos textos agregados, resultando nesta quinta edição apresentada. O primeiro momento da obra compreende duas partes, nas quais o autor defende a sua tese ao suscitar e discutir duas questões. Nos primeiros cinco capítulos, primeira parte, Canguilhem discute a questão “Seria o estado patológico apenas uma modificação quantitativa do estado normal?”. Na segunda parte deste primeiro momento, a questão levantada por ele, “Existem Ciências do Normal e do Patológico?” é discutida igualmente em cinco capítulos, incluindo a conclusão da tese. O segundo momento da obra ocorreu vinte anos depois, quando foram incluídos os novos textos relativos ao mesmo assunto.

---

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso; mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação – PPGE/UFMT, na linha de pesquisa Cultura, Memória e Teorias em Educação. Bolsista CAPES.

2 Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor e Orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor Adjunto do Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação do Instituto de Educação – IE/UFMT.

Optamos por seguir a estrutura do livro, uma vez que a ordem dos questionamentos levantados pelo autor segue uma lógica, o que possibilita a compreensão da tese apresentada, ou seja, a discussão entre o normal e o patológico. Assim, no primeiro momento da obra, ao responder o questionamento acerca da modificação do estado normal, Canguilhem faz uma introdução ao problema apresentando por meio de amostragens e diversas situações em que a normalidade se contrapõe à patologia, apenas por diferenças quantitativas. Para tal, afirma que “A filosofia é uma reflexão para a qual qualquer matéria estranha serve, ou diríamos mesmo para qual só serve a matéria que lhe for estranha”. (p. 15). Com isso quer dizer que seu trabalho é um esforço para integrar à especulação filosófica alguns métodos e conquistas da medicina, preferindo aplicar à medicina um espírito que chamou de ‘sem preconceitos’ (p. 16).

Em seguida à introdução ao problema do normal e do patológico comparando-os a exemplos da fisiologia humana e animal, o autor apresenta o pensamento de Auguste Comte que ao aderir ao “Princípio de Broussais”, afirmava serem as doenças nada mais que “[...] os efeitos de simples mudanças de intensidade na ação dos estimulantes indispensáveis à conservação da saúde.” (p. 28). Dando continuidade, no terceiro capítulo apresenta os conceitos de Claude Bernard, fisiologista do século XIX, para quem o “[...] estado patológico não é um simples prolongamento, quantitativamente variado, do estado fisiológico, mas é totalmente diferente.” (p.66).

Semanticamente, conforme Canguilhem, o patológico recebe a designação a partir do normal, não precisamente como *a* ou *dis*, mas como *hiper* ou *hipo*. Assim, a doença difere da saúde, o patológico do normal, como um atributo difere de outro, quer pela presença ou ausência de um princípio já definido, quer pela reestruturação da totalidade orgânica.

Para o autor, a convicção da medicina em poder restaurar cientificamente o normal é tal que acaba por anular o patológico. A doença deixa de ser objeto de angústia para o homem são e torna-se objeto de estudo para o teórico da saúde. E é justamente no patológico, segundo seu pensamento, que se pode decifrar o ensinamento da saúde, de certa maneira como “[...] Platão procurava nas instituições do Estado o equivalente, ampliado e mais facilmente legível, das virtudes e vícios da alma individual.” (p. 23).

A partir de pensamento de Comte, o autor explana que o interesse daquele se dirige do patológico para o normal, com a finalidade de determinar especulativamente as leis do normal, pois é como substituto de uma experimentação biológica muitas vezes impraticável- sobretudo o homem- que a doença aparece como digna de estudos sistemáticos, sendo a identidade do normal e do patológico afirmada em proveito do conhecimento do normal. No pensamento de Claude Bernard o interesse em dirigir-se do normal para o patológico tem a finalidade de uma ação racional sobre o patológico, pois é como fundamento de uma terapêutica, numa ruptura com o empirismo, que o conhecimento da doença é buscado por meio da fisiologia e a partir dela.

No quarto capítulo, *Concepções de R. Leriche*, cirurgião francês para quem a saúde é a “[...] vida no silêncio dos órgãos”, e ainda, que o “[...] estado de saúde, para o indivíduo, é a inconsciência de seu próprio corpo”. (p. 67). Diante de sua afirmação acerca da saúde, o seu entendimento sobre doença não seria uma modificação quantitativa de certo fenômeno, fisiológico ou normal, e sim um estado autenticamente anormal. O julgamento que ele faz a respeito da fisiologia e da patologia é técnico, diferentemente de Comte que o faz filosoficamente e de Claude Bernard que o faz cientificamente.

No quinto capítulo, *As implicações de uma teoria*, Canguilhem explica que certas questões estão presentes quando se afirma uma teoria, sem levar em consideração fatos, ou o que chama de “intermediários”, como a época em que uma ela é construída, o momento histórico-cultural no qual é formulada e as várias opiniões a respeito do assunto. Para o autor, todas essas questões devem ser levadas em consideração no seu trabalho, ao dizer que “[...] qualquer transformação nas concepções médicas está condicionada pelas transformações ocorridas nas idéias da época”. (p. 77).

Ainda no primeiro momento, o autor desenvolve a segunda questão levantada, “Existem Ciências do Normal e do Patológico?”, apresenta a conclusão, o índice bibliográfico e o índice de nomes citados. No capítulo inicial desta parte, demonstra o interesse em saber se é a medicina que transforma conceitos descritivos e teóricos em ideais biológicos, e de que maneira, ou se ela também receberia, e possivelmente sem que os fisiologistas o percebessem, o conhecimento de norma, mas no sentido normativo da palavra.

Com esse interesse, no segundo capítulo, *Exame Crítico de Alguns conceitos: do Normal, da Anomalia e da Doença, do Normal e do Experimental*, tece definições de acordo com dicionários e textos da área da medicina, apresenta o conceito de normativo de acordo com a filosofia (que seria qualquer julgamento de apreciação ou qualificação conforme uma norma que também estará subordinada a quem a institui) e as implicações que um fisiologista enfrenta ao tratar tais conceitos quando realiza experimentos em laboratório.

No terceiro capítulo, *Norma e Média*, trata de tais conceitos tendo por pano de fundo a teoria de Quételet (também fisiologista), conhecida por teoria do *Homem médio*. Após estudos acerca da altura do homem, num âmbito geral, segundo este estudioso, “[...] a existência de uma média é o sinal incontestável da existência de uma regularidade”. (p. 124). Canguilhem explica seu interesse pelas concepções desse fisiologista por suas noções de *freqüência estatística* e de *norma*, pois uma média que define desvios “[...] tanto mais raros quanto mais amplos forem é, na verdade, uma norma.” (p. 124)

Adiante, no quarto capítulo, *Doença, Cura, Saúde*, o autor analisa, de acordo com outros autores, esses três conceitos. Em relação à saúde, afirma categoricamente que “[...] ela nada mais é que a indeterminação inicial da capacidade de

instituição de novas normas biológicas”. (p. 158). Desta maneira, o limite entre o normal e o patológico torna-se impreciso para indivíduos quando considerados “simultaneamente”, ou seja, valendo-se de médias, pois ao apresentar a doença num determinado caso, em outro esta poderá não ser entendida como patologia.

No quinto capítulo, *Fisiologia e Patologia*, o autor aponta que a distinção entre esses conceitos só pode ter um valor clínico. Neste sentido, seria incorreto falar em órgãos doentes, tecidos doentes, células doentes, uma vez que seria necessária a definição de doença e saúde, de acordo com o capítulo anterior. Ao concluir a obra, Canguilhem destaca que na verdade não há uma ciência biológica do normal; existe sim, uma ciência das situações e das condições biológicas consideradas normais, que é chamada de fisiologia.

Vinte anos depois, no segundo momento da obra, o autor apresenta um conjunto de textos, divididos em três capítulos, com intenção de se defrontar com as mesmas dificuldades, mas dispondo de outros meios. Se de início vai buscar alguns elementos de análise nas lições em que examinou, à sua maneira, alguns aspectos da questão do normal e do patológico, é unicamente para esclarecer, por meio da confrontação das normas sociais e das normas vitais, a significação específica destas últimas. Deste modo, como há vinte anos atrás, afirma que assume ainda o risco de procurar basear a significação fundamental do normal por meio de uma análise filosófica da vida compreendida como atividade de oposição à inércia e à indiferença.

Deste modo, conclui sua obra afirmando que “O homem dito são não é, portanto, são. Sua saúde é um equilíbrio conquistado à custa de rupturas incoativas. A ameaça da doença é um dos elementos constitutivos da saúde.” (p. 261). Com essa afirmação, para Canguilhem o homem só é doente quando a saúde o abandona e, nesse momento, ele já não é mais são, tornando a patologia uma condição normal.

Podemos, portanto, a partir da leitura de Canguilhem, problematizar o senso comum que trata o sentido de normal e patológico. Isso significa revistar esses conceitos com intuito de produzir novos saberes sob novas perspectivas, que, por sua vez, podem resultar em novas práticas. Como sabemos, conceitos são mais do que palavras: servem como denominação de sentido, capaz de interpretar as observações e as experiências. Ainda mais, podemos dizer que tecemos nossa existência valendo-nos desses saberes: o que se espera com o aprendizado de Canguilhem é que normal e patológico sejam inscrições que ajudem nas distinções sem deixá-las transformar em discriminações.

Recebimento em: 20/12/2009.

Aceite em: 20/01/2010.